

20

SALÃO
NACIONAL
DE PEQUENOS
FORMATOS
DE BRITÂNIA

REALIZAÇÃO:



PREFEITURA MUNICIPAL
DE BRITÂNIA

APRESENTAÇÃO:



Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento das Artes Visuais do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2018.



Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda. / RJ

Benedito Ferreira / GO

Beth Sousa / BA

Danielle Fonseca / PA

Diogo Duda / PR

Efe Godoy / MG

Emiliano Freitas / GO

Érica Storer / PR

Estêvão Parreiras / GO

Gabriela Mutti / DF

Geoneide / AL

Guará / GO

Henrique Detomi / SP

Iris Helena / DF

Ismael Monticelli / RS

Keila Serruya Sankofa / AM

Leandra Espírito Santo / SP

Marcel Diogo / MG

Marú / GO

Mayara Ferrão / BA

Mulambö / RJ

Rafael Salim / RJ

Renata Miranda / PE

Sallisa Rosa / RJ

Eduardo Zmievski / PR



20
SALÃO
NACIONAL
DE PEQUENOS
FORMATOS
DE BRITÂNIA

2020

Vinte e cinco almas, unidas pelo vínculo do esforço criativo, nos convocam hoje, nesta época estranha, a discernir, a partir da imagem poética, o aqui e o agora.

Não foi fácil reunir e desvendar os complexos elementos emocionais que cada um destes artistas nos dá nesta exposição. O assunto é, em si mesmo, nada leve. Mas é muito revelador.

Momentos de pandemia, diríamos que é a trama central, que reúne este grupo de artistas maravilhosos.

Decidimos dividir em 3 subtemas, para uma melhor leitura de tudo o que irão ver a seguir.

**Eu, comigo.
A máscara.
O poder.**

Esses são os 3 espaços significativos para nos aproximarmos da escrita à compreensão desse mundo de horizontes que os artistas brasileiros nos oferecem.

Quase 2.000 participantes - para escolher 25 – nos traduzem o ímpeto e a sabedoria de todo um povo.

Temos a certeza de que esta iniciativa já tem um lugar na história das artes a nível mundial.

Nada nos resta senão convidá-los a se prepararem para a contundência, para o sublime e para o sinistro.

Morella Jurado

Detalhe da exposição virtual





GUARÁ

MULAMBÖ

DANIELLE FONSECA

EFE GODOY

BENEDITO FERREIRA

EDUARDO ZMIEVSKI

ESTÊVÃO PARREIRAS

IRIS HELENA

HENRIQUE DETOMI

RAFAEL SALIM

MARÚ

1ª Parte

EU, COMIGO

E se algum dia se chegasse a comprovar que nós – os eternos penitentes do futuro - tenhamos vivido no melhor dos tempos possíveis! Assim refletia Elías Canetti, um dos escritores mais sólidos da Europa.

Os grandes pensadores que falam ao futuro determinam o pulso dos tempos que estão por vir. Ah, e os artistas, esses que vivem e criam desde o hoje mais íntimo, o hoje mais secreto que todos temos. E nos revelam, com a imanência que nos dá a imagem, sem ferir, e direto a este outro lugar que não é o racional. Neste aventurado modo de leitura do salão, quisemos nos assegurar de fazer confluir em um mesmo espaço simbólico as 11 obras dos participantes.

Surpreende-nos o terníssimo “**O Presépio**”, do artista **Guará**. Uma espécie de presépio aiku. A simplicidade das formas, para chegar ao mínimo. Um nascimento parado sobre a estrela cadente. A contratempo, invocando em julho a alegria de dezembro. Não há prosopopeia neste objeto, nem nada de didático a seu favor. Só recordar, para voltar a passar pelo coração.

E assim nos encontramos de repente com a obra “**O Primeiro Pedaco é da Minha Avó**”, do artista **Mulambo**. Nos visita novamente a memória festiva do lar. A imagem não necessita figuração, o prato de vidro enfatiza a pintura abstrata, que vamos desembaraçando na medida que nos evoca a mesma fotografia do álbum de família que a todos nós pertence. Mulambo restitui e nos mostra a infância de todos.

E nesta mesma memória teimosa destes tempos pandêmicos, aparecem as estampinhas de **Danielle Fonseca**, “**Sabe, eu já estive no mar antes**”. Um selo postal que envia a carta a seu destino; que não vai chegar nunca. O fóssil que encerra em si mesmo a mensagem da

natureza, em palavras claras, para todos que estiverem atentos. O trabalho feito em série é o ponto chave da obra. Uma mensagem enviada mil vezes, e que hoje, todos lemos com emergência e surpresa.

É preciso falar de "**Deitada**", de **Efe Godoy**. Tudo o que devemos atender nesta quarentena está lá.

Godoy não dá trégua ao observador, não permite maquiagem, nem cenografia, nem bastidores. Seu reflexo é cirúrgico, preciso. Não se deixe enganar pelo suposto descaso e pobreza de elementos, "**Deitada**" é uma obra que já tem seu lugar na história.

Numa estética semelhante, **Benedito Ferreira** faz uso do caderno de artista, do diário e das cartas escritas de próprio punho, numa grafia bela e descontrolada, onde a palavra é linha, mancha, gesto e poesia.

Shakespeare dizia que o humano só tem dois tópicos de conversa, amor e morte. "**Perdi o meu amor em Britânia**" nos fala de ambos: do amor e do luto.

Ferreira nos incita à curiosidade de um voyeur. Formamos o trio em uma história de amor perdida. Confirmamos dados análogos, rastros de lágrimas, feridas literárias de punhais penetrantes e aquele espelho que sempre nos reflete.

E voltamos ao coração, à sístole e à diástole que simbolicamente abriga todos os sentimentos. Trata-se de um novíssimo e aparentemente frio coração quadrado. **Eduardo Zmievski** não faz concessões com música, não permite açúcar, nem Valium e nem

placebos. Apenas ressoa diante de nossos olhos, compassado com o nosso, o mesmo batimento cardíaco. O mesmo senso incomum de inexistência humana em face do avanço desequilibrado da tecnologia.

É um sangramento que são, coração, são, são coração.

E vem o vermelho que inunda tudo, e nunca fica em nós.

A obra de **Estêvão Parreiras** salpica tudo o quanto somos com um carmesim incandescente. Como no "Perro Hundido" de Goya, ele aproveita o espaço para carregar o conteúdo apenas na parte inferior do papel. Cria uma grande tensão visual, entre o silêncio do vermelho, a figura mumificada e desenhada com arranhões, e os seis elementos flutuantes, que parecem horas, minutos, segundos, dentes ou ovelhas contadas para dormir.

Uma metáfora para dias de quarentena e tempo de suspensão.

E desses dias quase iguais, comuns a todos, surge o reflexo do espaço fechado, de dentro, sufoco e segurança, e de fora, ameaça e saudade.

Iris Helena aponta-nos para o canto fantasmagórico, que não sabemos se ainda está lá, ou se é um produto da imaginação. O negócio fechado, sem transeuntes, como descreve o escritor venezuelano Miguel Otero Silva, em seu romance Casas Muertas.

E nos perguntamos a partir da obra "**Esquina**": uma cidade pode continuar a parecer uma cidade, sem habitantes?

A obra de **Iris Helena** não é uma paisagem, é um amuleto para voltar a habitar.

Na mesma reflexão angustiada, duas paisagens desoladas são introduzidas na mostra. Novamente, o crepitar do humano é inexistente. São duas pinturas da série "**Minutos antes do fim**" de **Henrique Detomi**. O título já contém em si o conceito de ambas as obras.

Outra paisagem não menos perturbadora é o vídeo "**Qualquer direção fora do centro**", de **Rafael Salim**. No início, o passeio nos acalma. Lembramos o cheiro da floresta tropical com chuva. Mas esse cavar com as mãos nos sacode sinistramente e retarda qualquer impulso romântico de voltar à natureza, em resposta a pouca certeza da cidade.

Analogicamente, **Marú** nos dá um aforismo.

"**Arquitetura não enfrenta outra coisa a mais do que o despertar de fantasmas**". Novamente, a evocação da morte.

Encontramos um projeto de edificação funerária. E lembramos Loos, que sublinhava que a única edificação que pertence à categoria de arte é o monumento e a tumba. A casa - como o resto da arquitetura - não deve ser considerada arte, pois tem a impressão da utilidade.

Marú nos mostra um projeto de arquitetura que só serve para simbolizar, versus a casa que serve de máquina para habitar.

Hoje, em quarentena, quando o mundo está suspenso, talvez a casa também se transforme em mausoléu.

GUARÁ

MULAMBÖ

DANIELLE FONSECA

EFE GODOY

BENEDITO FERREIRA.

EDUARDO ZMIEVSKI

ESTÊVÃO PARREIRAS

IRIS HELENA

HENRIQUE DETOMI

RAFAEL SALIM

MARÚ





GUARÁ - MENÇÃO HONROSA
O Presépio
Escultura em madeira
20 x 20 cm
2020



MULAMBO - PRÊMIO AQUISIÇÃO

O primeiro pedaço é da minha vó

Acrílica sobre prato de vidro

20 x 20 x 1,5 cm

2020



DANIELLE FONSECA
Sabe, eu já estive no mar antes
Instalação
15 x 20 cm
2020



EFE GODOY - PRÊMIO AQUISIÇÃO

I - "Lá dentro", II - "Deitada", III - "Ela podia ser "Lá Dentro"

Vídeos

1min (cada)

2020



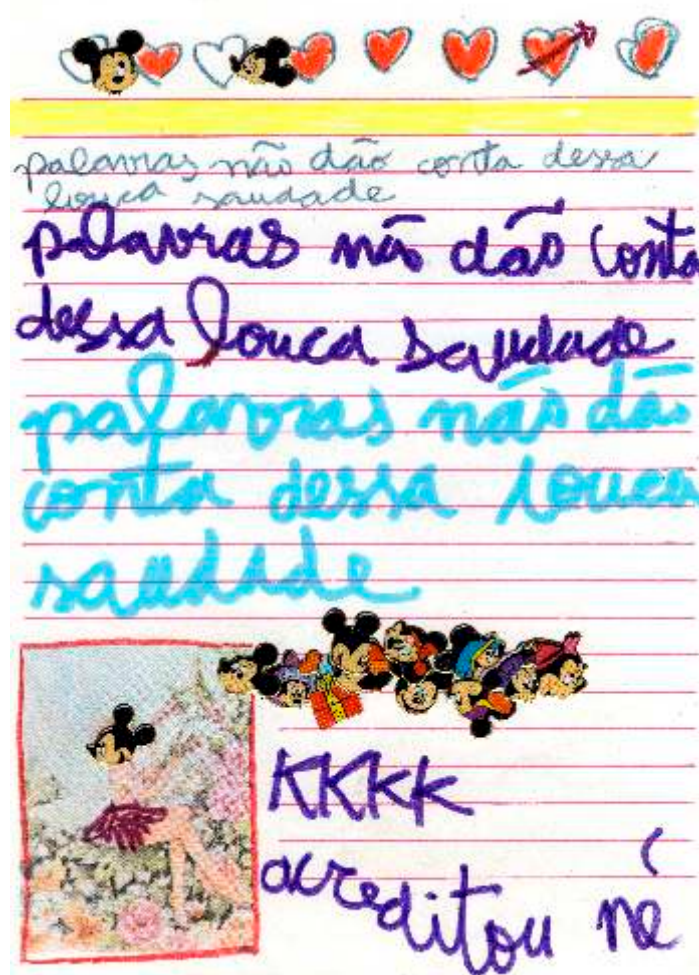
BENEDITO FERREIRA

Perdi meu amor em Britânia / papel #68 (série Arquivo Morto)

Técnica mista sobre papel de carta e plástico

14 x 20 cm

2020

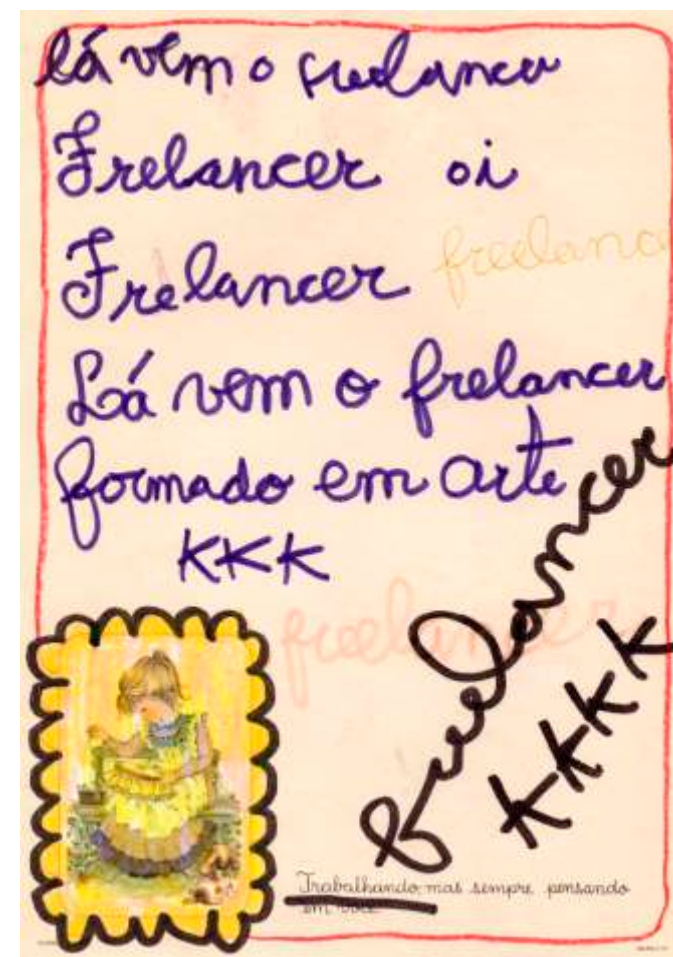


Papel #02 (série Arquivo Morto)

Técnica mista sobre papel de carta

16 x 20 cm

2018

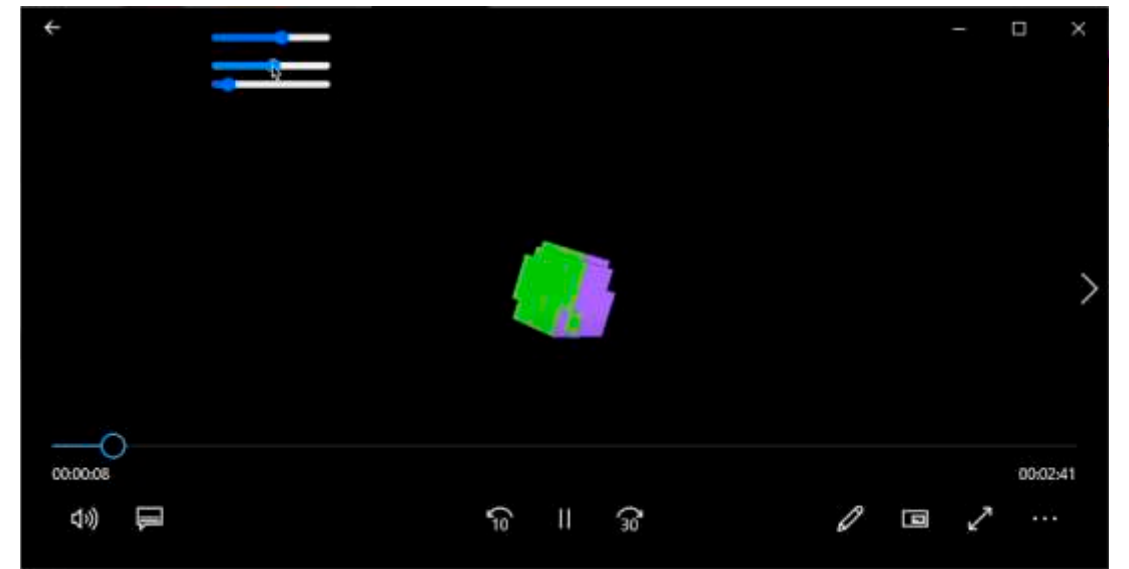
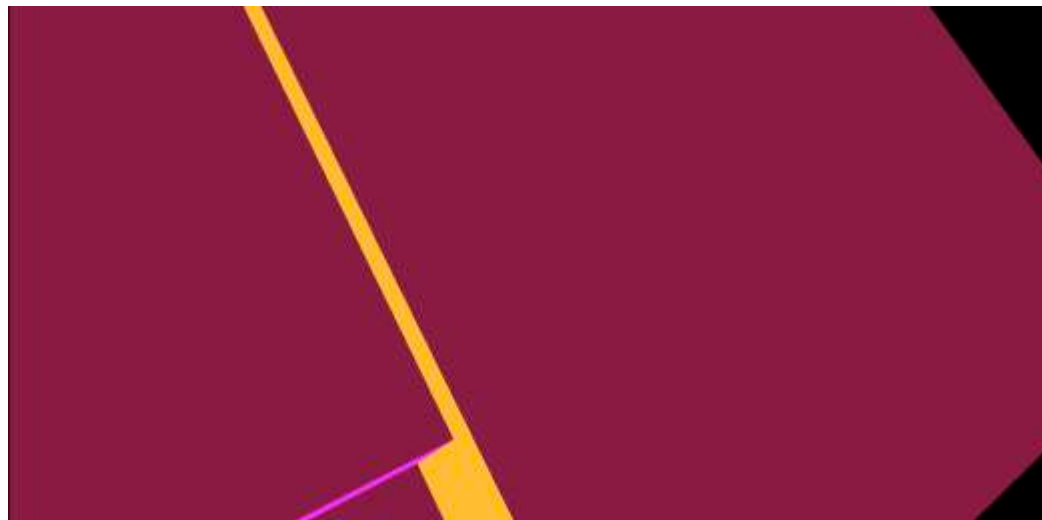
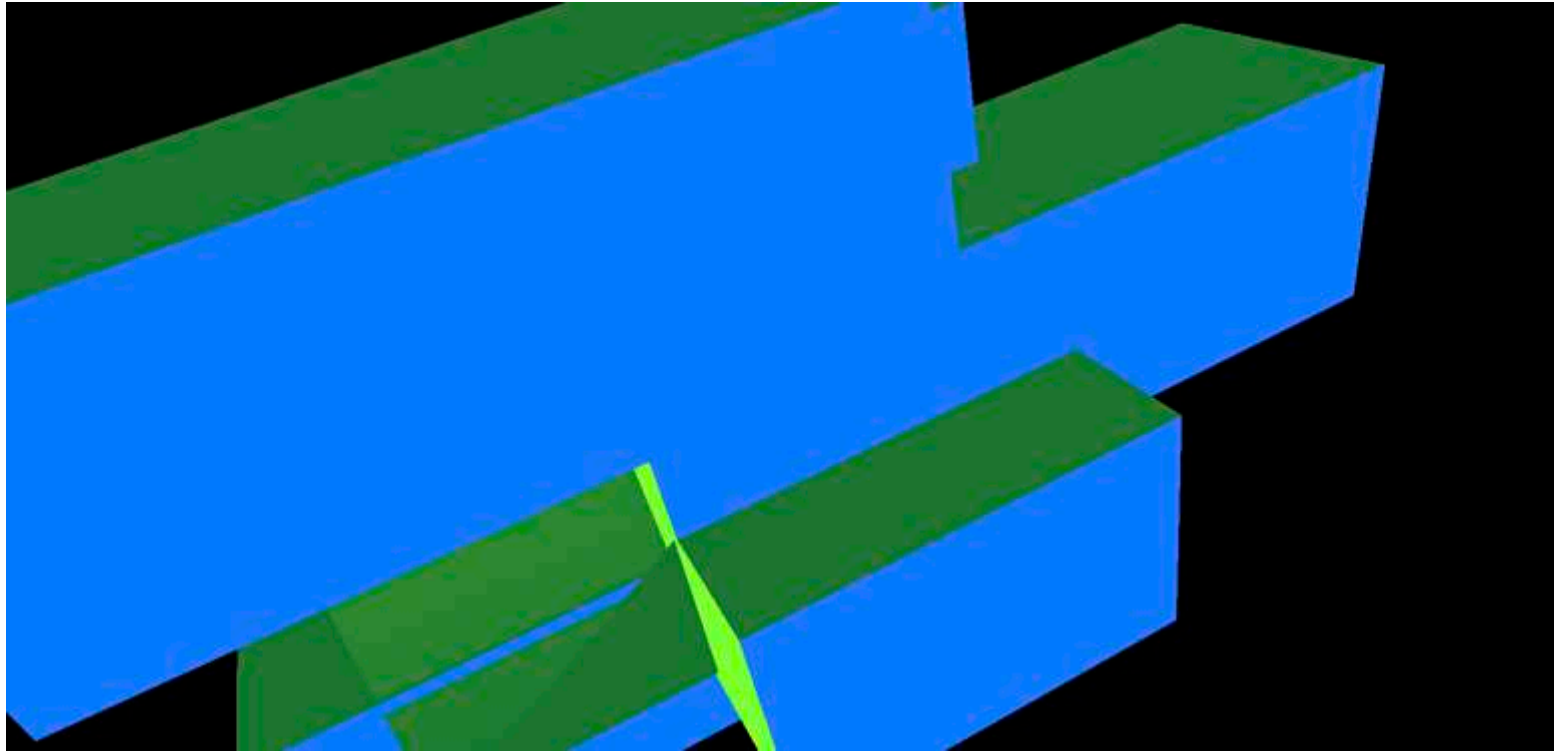


Papel #08 (série Arquivo Morto)

Técnica mista sobre papel de carta

15 x 20 cm

2018



EDUARDO ZMIEVSKI

"Computer hearts are made of pixels"

Objeto interativo digital, composta em Javascripts na framework Processing.js
800 x 600 pixels expansivo
2020

ESTÊVÃO PARREIRAS

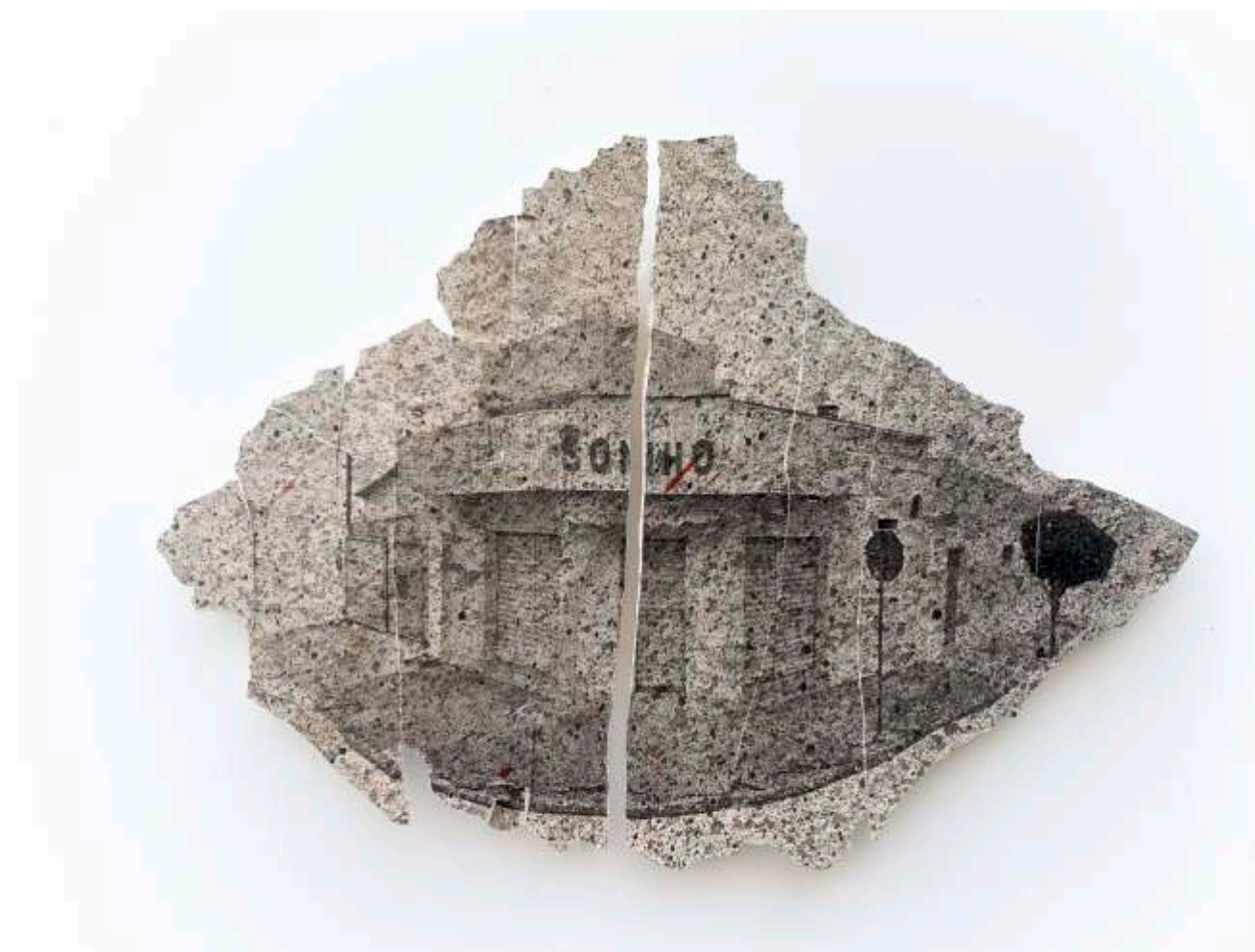
Sem título

Desenho
20 x 20 cm
2020





Detalhe



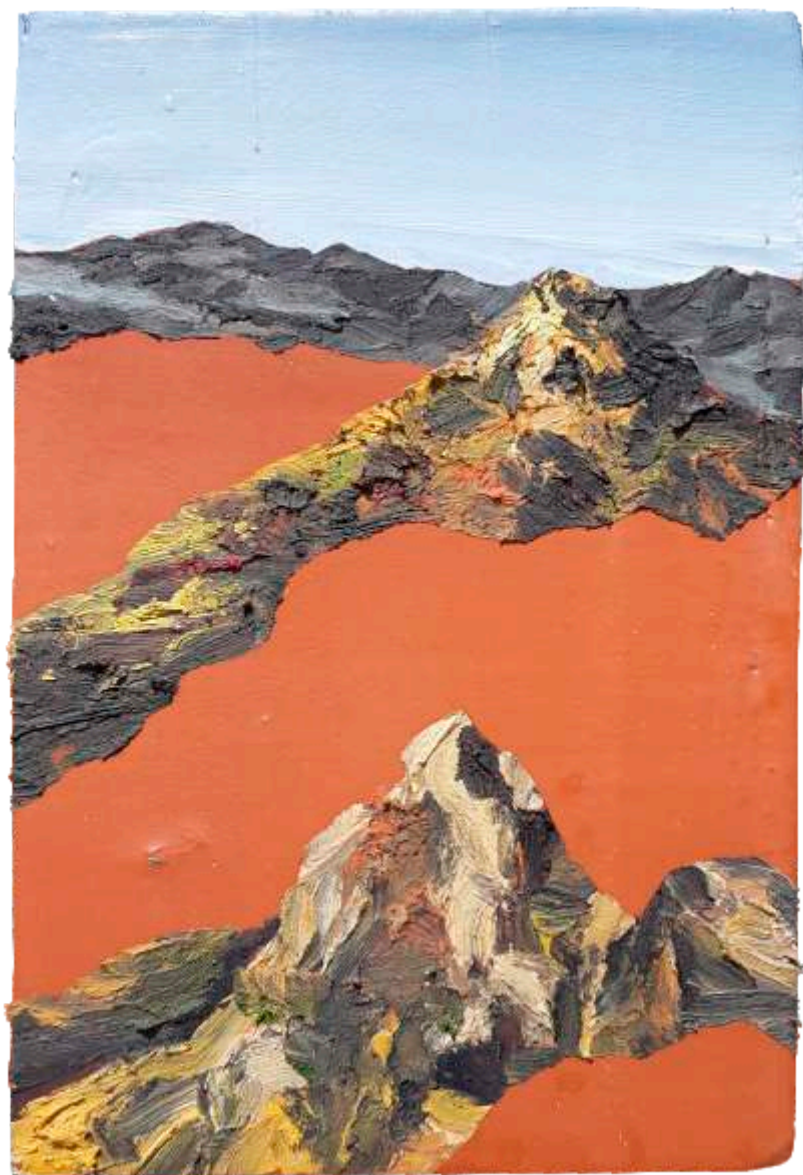
IRIS HELENA - PRÊMIO AQUISIÇÃO

Esquina - série Imaginário Cartográfico de Uma cidade Brasileira

Impressão jato de tinta P&B sobre casca de parede

20 x 15 cm

2020



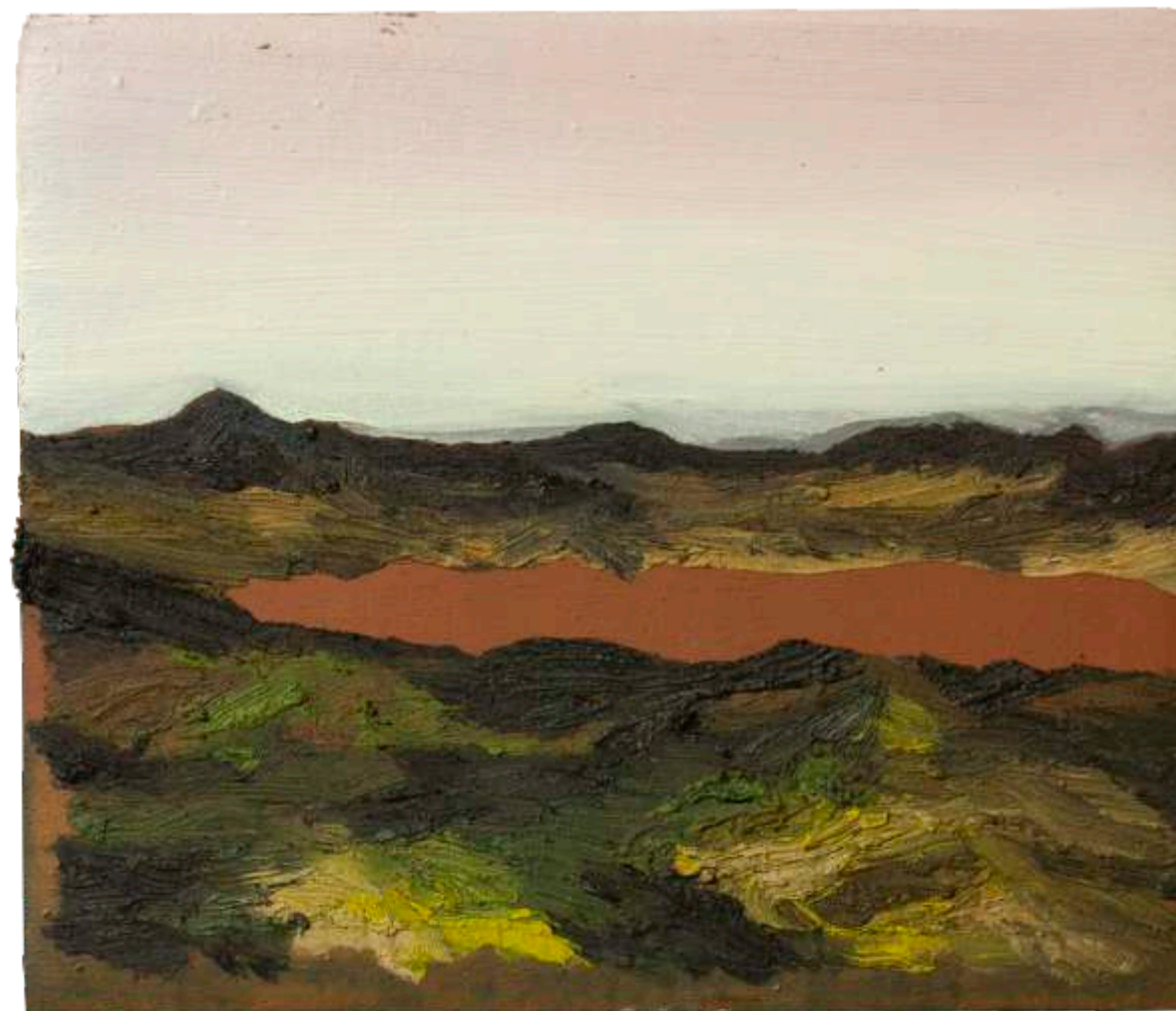
HENRIQUE DETOMI

Sem título (da série “minutos antes do fim”)

Óleo sobre madeira preparada com bolo arménio.

15 x 10 x 5 cm.

2020



Sem título (da série “minutos antes do fim”)

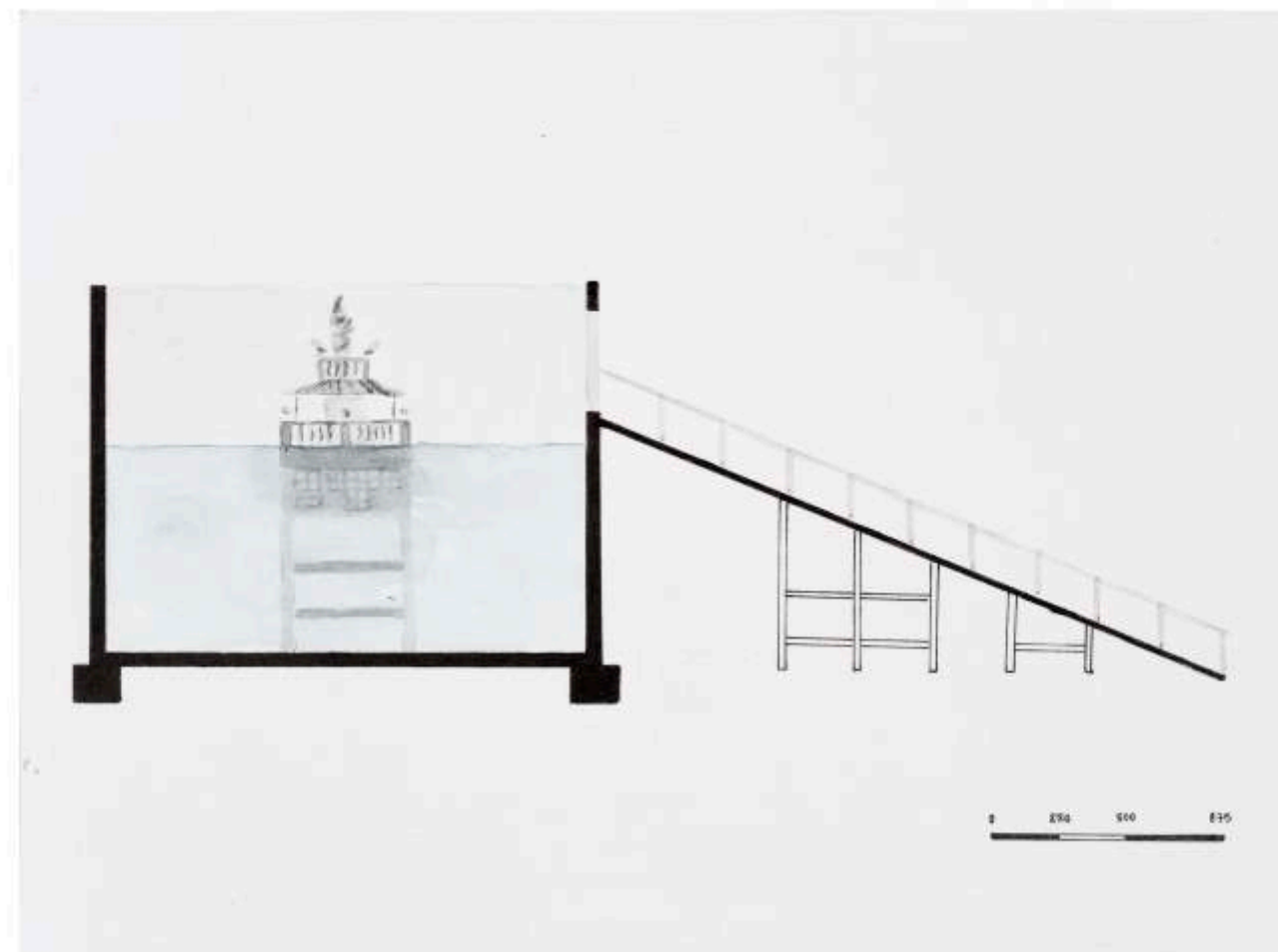
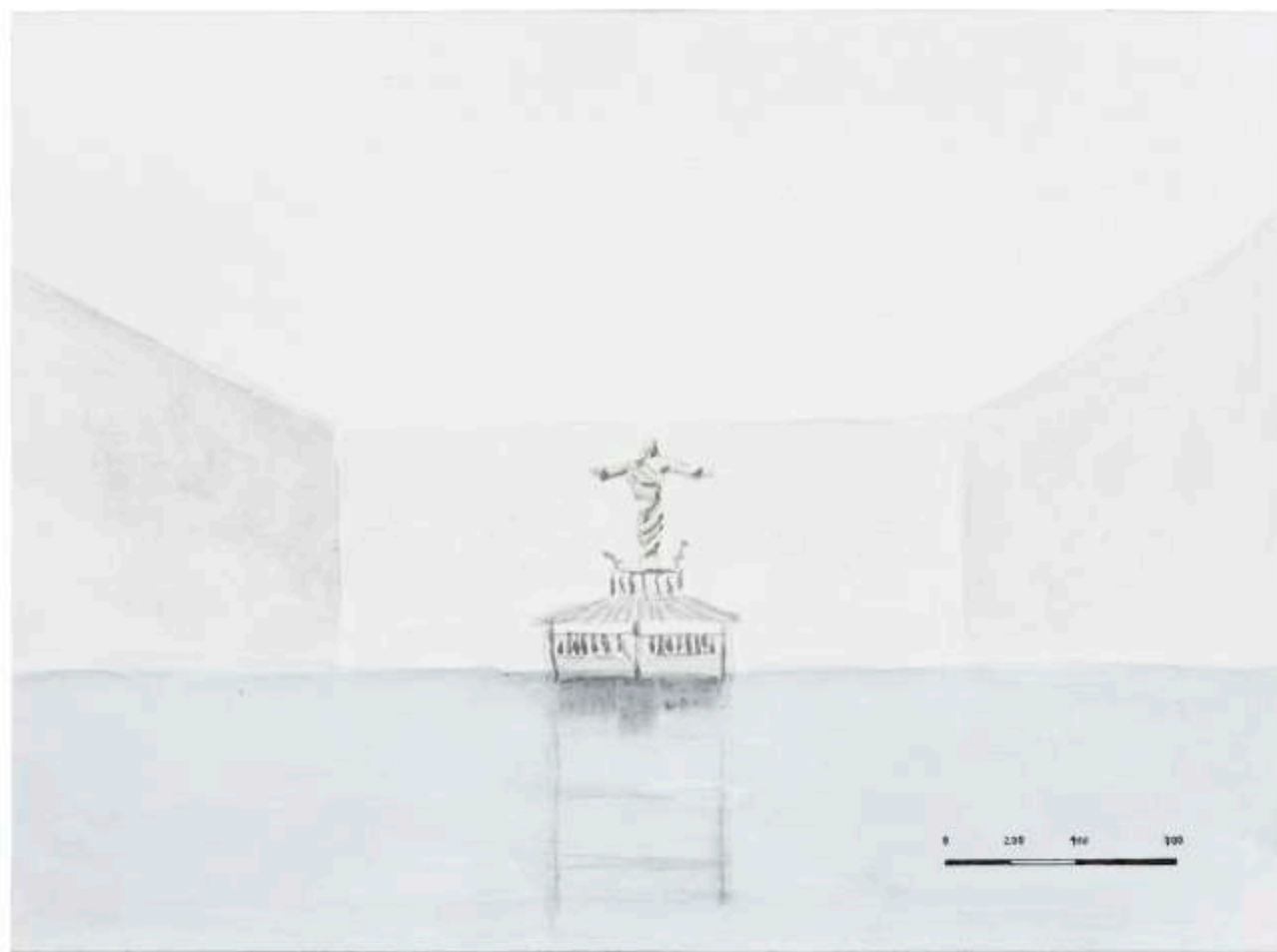
Óleo sobre madeira preparada com bolo arménio.

9,5 x 11 x 2 cm

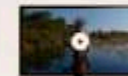
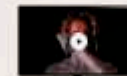
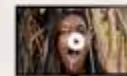
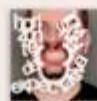
2020



RAFAEL SALIM
“Qualquer direção fora do centro”
Vídeo
2min30s
2020



MARÚ- PRÊMIO AQUISIÇÃO
Arquitetura não faz outra coisa, senão criar fantasmas
Aquarela e nanquim sobre papel
19 x 14 cm (díptico)
2020



Detalhe da exposição virtual



EMILLIANO FREITAS

ISMAEL MONTICCELI

LEANDRA ESPÍRITO SANTO

GEONEIDE BRANDÃO

BETH SOUSA

SALLISA ROSA

KEILA SERRUYA SANKOFA

MAYARA FERRÃO

2ª Parte

A MÁSCARA

Em 1319, Haiku da Anatólia, sublinhou que "A lua vive nosso reflexo" - Embora o poeta sufi nunca tenha imaginado a ressonância de suas palavras neste presente tão distante, este breve poema hoje se tornou mais pontual e confiável do que nunca.

Estamos em uma realidade onde quase a totalidade do humano vive imerso em um continente de espelhos. A comunidade tangível, de corpos convergindo na tela urbana, já não existe mais; desvaneceu-se nas redes sociais, nas notícias verdadeiras ou falsas, que não sabemos mais se é verdadeiro ou falso. E no devir do compromisso epiléptico: nada tão frágil como o amor de hoje, nada tão inconsistente como o aparente discurso do sucesso e a alegria projetada.

Sobre isso, falaram 8 dos artistas participantes desta edição do Salão Mabri.

“**Pose (Fera Nenen)**”, de **Emilliano Freitas**, nos comove até a dor. Um desenho feito em uma folha de caderno escolar; e os parques solitários e as bolas sem utilização. Sem risadas, sem amarelinha.

Um pouco mais adiante, recorreremos ao jocoso dispositivo apresentado por **Ismael Monticceli**, “**Still keep smiling**”, (**Horizonte da expectativa invisível**). Execução impecável de felicidade forçada, autoajuda, métodos comportamentais de atração do sucesso e positividade constipada.

"**Sim, não, talvez**", de **Leandra Espírito Santo**, consegue nos impregnar de histeria coletiva ao se enquadrar nos estereótipos de beleza impostos pelas redes. É uma "porrada" no ego.

E o rosto é o que menos importa. Na pornografia, o rosto humano nunca é necessário, pelo contrário, é contraproducente para o exercício da objetividade. Nessa sociedade colonizada pela pornografia, **Geoneide Brandão** nos mostra uma ampulheta que não importa para onde caia o pozinho. O contínuo é o esfregar de dois corpos, justo antes do que aconteça. Somos nós que completamos o ato. O movimento ainda não aconteceu. É o lugar da saudade.

Nesta fase da leitura, nos perguntamos: será que todos os participantes entraram em acordo para mostrar a mesma preocupação desde diferentes arestas?

Os criadores são aqueles que carregam o pulso dos tempos, aqui se confirma.

Para mostra, outro botão*. Desta vez, da mão da artista plástica **Beth Sousa**. Trata-se de uma fotografia intervencionada, "**Assistindo à Live da Sobrevivente**". Uma luz de Rembrandt acaricia essas duas mulheres vestidas de fetiche. Uma luz bem conhecida de todos, a televisão. A obra é um retrato da desolação causada pelo movimento de si mesmo.

De acordo com Cassirer, O homem não pode escapar de suas próprias realizações, ele não tem escolha a não ser adotar as condições de sua própria vida; ele não vive mais apenas no universo

físico, mas no universo simbólico, onde a linguagem, as cerimônias, a arte e a religião constituem suas partes, elas formam os vários fios que tecem a teia simbólica na trama complicada da experiência humana.

O humano é o único animal que simboliza.

Sallisa Rosa grita, sou um bicho.

E nada escapa mais dessa fronteira antropológica do que este vídeo.

Ela constrói a diferença epistemológica entre nós e qualquer outro ser vivo na terra.

E em que erradica essa diferença? Na capacidade de simbolizar a realidade.

Keila Serruya Sankofa, assume essa condição e levanta esta bandeira como única forma de não adoecer. "O sistema imunológico é a cultura Doente eu não fico".

Ela se autorretrata, o sangue gelificado e se torna uma deusa. Cria a sua própria vacina, para se defender deste fim do mundo.

Um discurso equivalente é o de **Mayara Ferrão**, que nos diz: "Espiritualidade é a tecnologia que cura". **Ferrão** nos chama a visitar com urgência o que é verdadeiramente humano, o que nos torna eternos.

Esse eco que vem de tão longe, - "A Lua Vive o Nosso Reflexo" - são teimosas e antigas palavras que ainda nos dizem que a realidade só existe quando está relacionada à nossa imagem e semelhança.

EMILLIANO FREITAS

ISMAEL MONTICCELI

LEANDRA ESPÍRITO SANTO

GEONEIDE BRANDÃO

BETH SOUSA

SALLISA ROSA

KEILA SERRUYA SANKOFA

MAYARA FERRÃO



EMILLIANO FREITAS

Pose (Fera Nenen)

Desenho
20 x 15 cm
2020





ISMAEL MONTICCELI - MENÇÃO HONROSA

Still keep smiling [Horizonte de expectativa invisível]; [Eclipse geral das utopias]

Objeto - Impressão 3D em PLA
20 x 1,8 x 20 cm; 19,5 x 1,8 x 20 cm.
2020

LEANDRA ESPÍRITO SANTO

“Sim, não, talvez” (2018)

vídeo realizado a partir de fotografia performada.
Artista veste máscaras feitas a partir de moldes do rosto.
2' em loop



GEONEIDE BRANDÃO

Azul não é a cor mais quente

Pintura óleo sobre papel

10 x 15,5 cm

2020



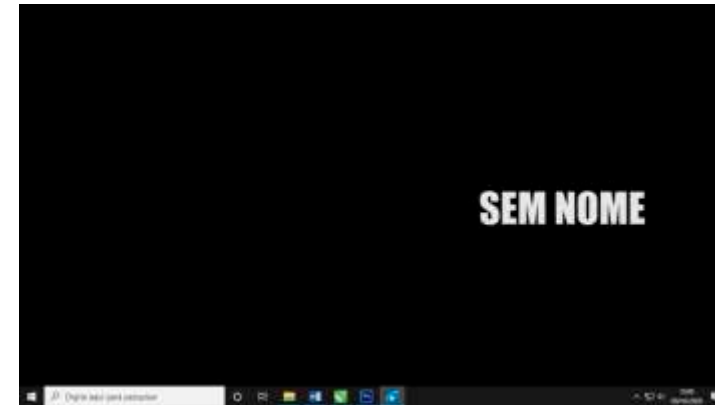


BETH SOUSA
Assistindo à Live de Uma Sobrevivente
Pintura sobre fotografia
20 x 20 cm
2020



SALLISA ROSA
Identidade é ficção
Narrativa fotográfica em autorretrato
1min30s
2019

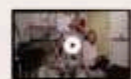
KEILA SERRUYA SANKOFA
SEM NOME/ SEM (cem) MORTOS
Video
3min16s
2019





MAYARA FERRÃO
Cura / febre
Vídeo-arte
2min55s
2020

Detalhe da exposição virtual





ERIKA STORER
RENATA MIRANDA
GABRIELA MUTTI
MARCEL DIOGO
AMADOR E JR SEGURANÇA PATRIMONIAL
DIOGO DUDA

3ª Parte

O PODER

Segundo o filósofo polonês Zygmunt Bauman, a modernidade em sua forma mais consolidada exige a abolição de dúvidas e incertezas. É necessário um controle sobre a natureza, uma hierarquia burocrática e mais regras e regulamentos para fazer os aspectos caóticos da vida humana parecerem organizados e familiares.

Se assumirmos ler Bauman, desses tempos apocalípticos, o resultado é um estudo oráculo.

Hoje a modernidade, com suas certezas e controles, desaparece como a água entre nossos dedos. Modernidade líquida.

Sobre este assunto um tanto áspero, 6 dos artistas participantes do Salão falam conosco de suas obras.

Começamos nosso tour com **Erica Storer** e seu **“Rôm-Ófice”**. Um vídeo que por jocoso não nos resulta menos dramático. A referência e a angústia para a produtividade à custa de qualquer preço termo de fadiga humana. O tratamento do comediante e a disposição absurda dos elementos tornam este trabalho um deleite para a reflexão, de repente.

Igualmente surpreendente e profético é o vídeo **“Home Office”**, de **Renata Miranda**. Feito algum tempo antes da terrível tragédia em Beirute, ele prevê explicitamente o evento. A arte é sempre um presságio.

E as certezas da modernidade são desalojadas a cada passo, seja da configuração de demolidas emblemáticas, como no caso das **“Pinturas para peito”** de **Gabriela Mutti**, ou dos tecidos de **Marcel Diogo**.

Mutti tira a sacralidade do uniforme militar, que produz respeito, medo e obediência, e nos constrói algumas decorações fantasiosas deste mundo ferido por tantas desigualdades e controles.

Marcel Diogo, faz algo homólogo, as suas pinturas rompem o espaço emocional, para assinalar sem ambiguidades, a desagregação dos corpos repressivos.

E nessa mesma tensão emocional, como um jogo de espelhos infinitos, **Amador e Jr Segurança**, nos convidam a entender que o poder da modernidade está erradicado em vigiar e castigar.

Por fim, temos uma bela escultura, ou poema objeto, de **Diogo Duda**, **“Something around eleven euros and thirty-nine cents”**.

O país da banana, a moeda como fruto suculento do capital e seus mecanismos de ansiedade e fome.

O poder é uma patologia, nos diria Foucault.

Essas seis obras nos convidam a perceber essa premissa, mas a partir da saúde emocional. Na medida em que se produz a consciência da patologia, neste exato momento, é que se começa a curar.

Morella Jurado

*Refrão típico do idioma espanhol cujo significado denota que não é necessário mostrar ou explicar tudo em detalhes, mas que com um exemplo é suficiente.

ERICA STORER

RENATA MIRANDA

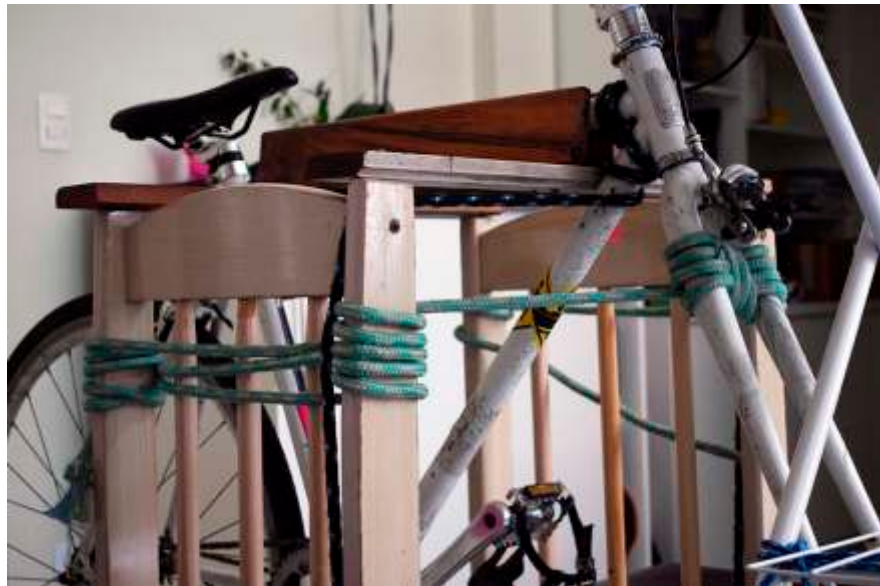
GABRIELA MUTTI

MARCEL DIOGO

AMADOR E JR SEGURANÇA PATRIMONIAL

DIOGO DUDA





ERICA STORER
Röm-Office
Video
2min4s
2020

RENATA MIRANDA - MENÇÃO HONROSA

Homeoffice

Video
2min39s
2020





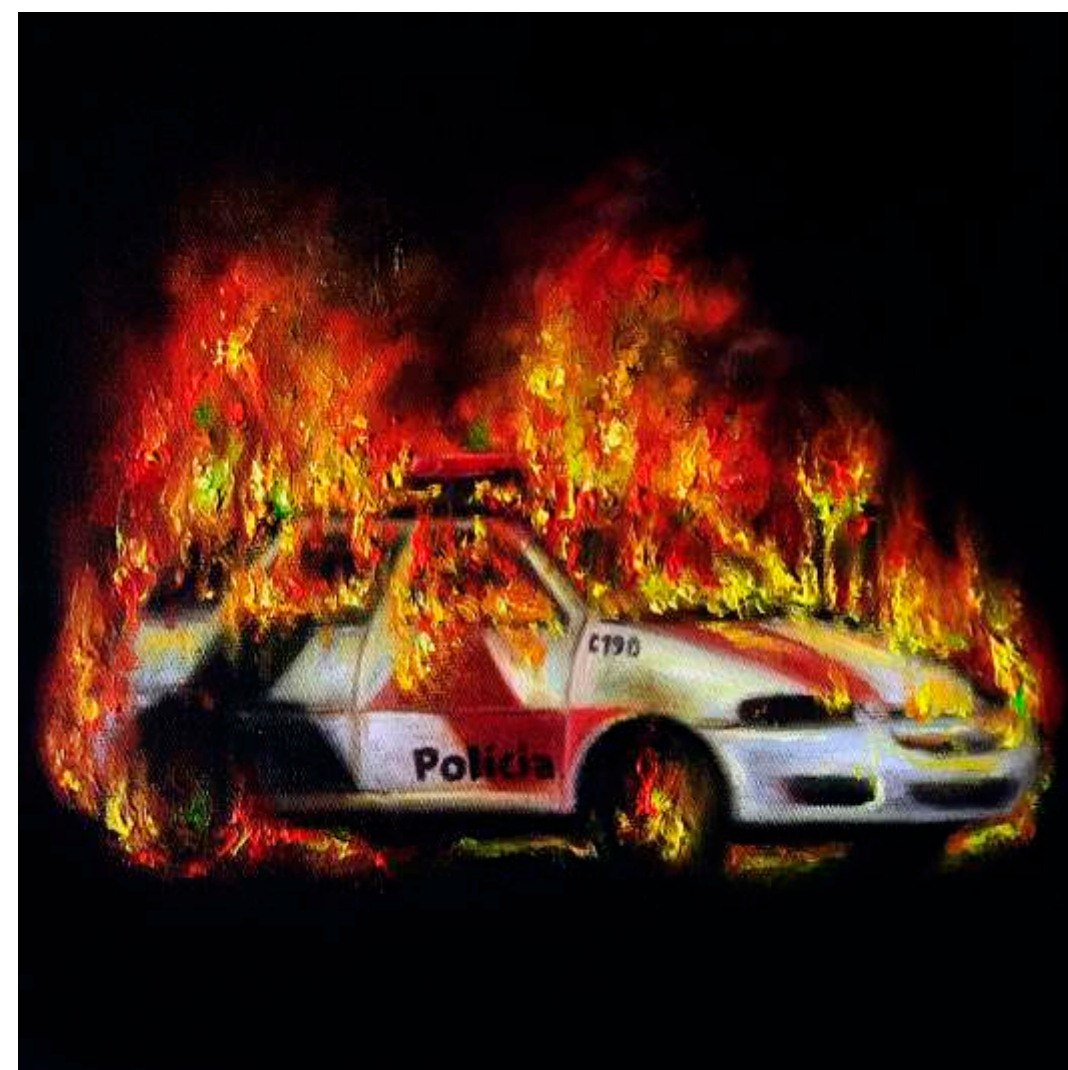
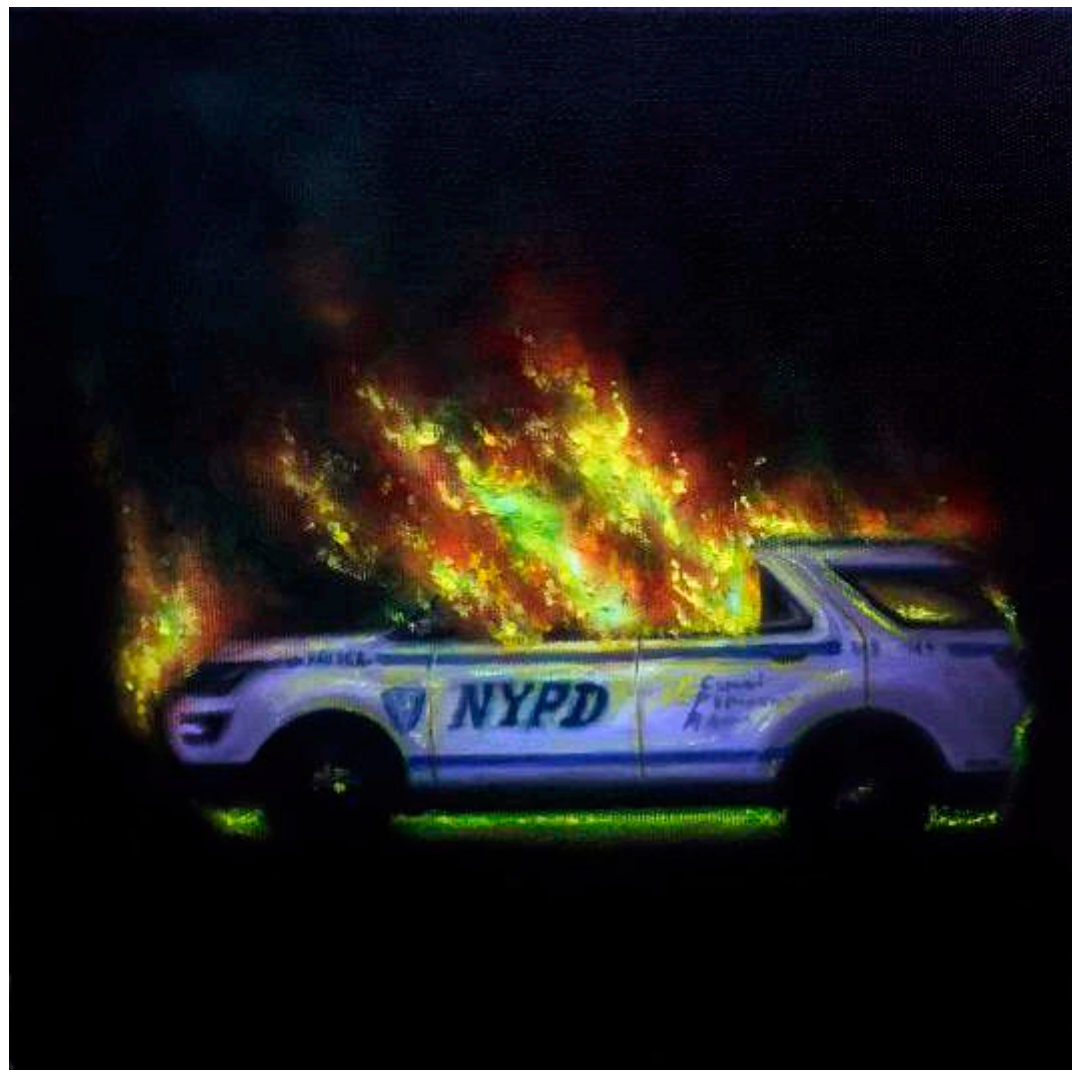
GABRIELA MUTTI

Pinturas para peito (serie) I, II, III, IV, V, VI

Objeto

I - 5 x 14 cm; II - 2 x 10 cm; III - 5 x 10,5 cm; IV - 5 x 10 cm; V - 5,5 x 10,5 cm; VI - 4,5 x 10,5 cm

2019



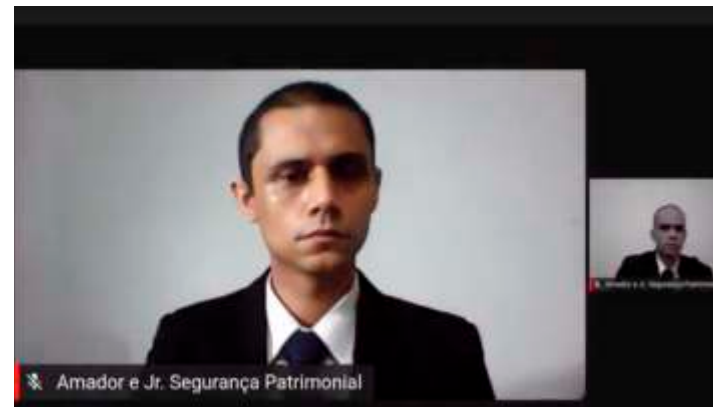
MARCEL DIOGO

Fogo contra fogo

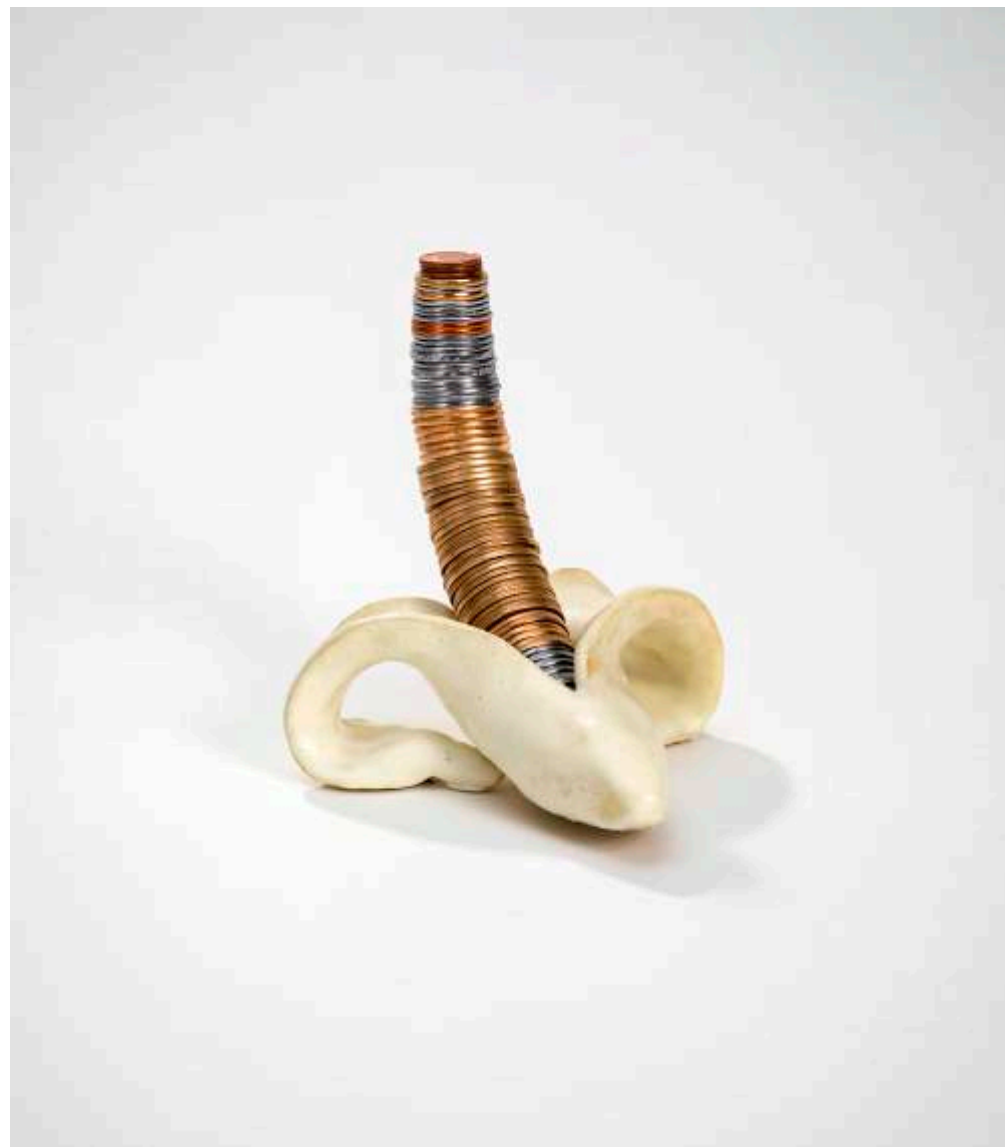
Óleo sobre tela

20 x 20 cm

2020



AMADOR E JR SEGURANÇA PATRIMONIAL
CFTV
Performance online
5 min
2020



DIOGO DUDA - PRÊMIO AQUISIÇÃO
Something around eleven euros and thirty-nine cents
Objeto
13 x 13 x 13 cm
2020

20

SALÃO
NACIONAL
DE PEQUENOS
FORMATOS
DE BRITÂNIA

Veinti cinco almas, unidas en el vínculo del quehacer creativo, nos convocan hoy, en este tiempo extraño, a discernir, desde la imagen poética, el aquí y el ahora.

No ha sido fácil juntar y deshilar los complejos elementos emocionales que cada uno de estos artistas nos regala en esta exposición. El tema es de por sí, nada ligero. Pero si muy revelador. Momentos de pandemia, diríamos que es la trama central, que reúne a este grupo de maravillosos artistas.

Decidimos dividir en 3 sub temas, para una mejor lectura de todo cuanto van a advertir a continuación.

Yo, conmigo.

La máscara.

El poder.

Esos son los 3 espacios significantes, para acercarnos desde la escritura a la comprensión de ese mundo de horizontes que nos ofrecen los artistas Brasileños.

Casi 2000 participantes, para escoger 25, nos traducen el ímpetu y la sabiduría de todo un pueblo.

Tenemos la seguridad de que esta iniciativa, ya tiene un lugar en la historia de las artes a nivel mundial.

No queda más, que invitarlos a prepararse para la contundencia, para lo sublime y para lo siniestro.

Yo, conmigo.

Y si algún día se llegara a comprobar que nosotros –los eternos penitentes del futuro- hemos vivido en el mejor de los tiempos posibles! Así reflexionaba Elías Canetti, uno de los escritores más sólidos de Europa.

Los grandes pensadores le hablan al futuro, determinan el pulso de los tiempos por venir. Ah, y los artistas, esos que viven y crean desde el hoy más íntimo, el hoy más secreto que todos tenemos. Y lo revelan, con la inmanencia que da la imagen, sin herir, y directo a ese otro lugar que no es lo racional.

En este aventurado modo de lectura del salón, quisimos asegurarnos de hacer confluir en un mismo espacio simbólico, a 11 de las obras participantes.

Nos sorprende un tiernísimo “O presépio”, del artista Guará. Una especie de belén aiku. La simpleza de las formas, para llegar a lo mínimo. Un nacimiento parado sobre la estrella fugaz. A destiempo, invocando en julio la alegría de diciembre. No hay prosopopeya en ese objeto, ni nada de didáctico a su favor. Solo recordar, para volver a pasar por el corazón.

Y así, nos encontramos de pronto con la obra “O primeiro pedaço é da mina avó”, del artista Mulambo. De nuevo nos visita la memoria festiva del hogar. La imagen no necesita figuración, el plato de vidrio enfatiza la pintura abstracta, que vamos deshilvanando a medida que nos evoca la misma fotografía del álbum familiar que a todos nos pertenece. Mulambo restituye y nos muestra la infancia de todos.

Y en esa misma empecinada memoria de estos tiempos pandémicos, aparecen las estampillas de Danielle Fonseca, “Sabe, eu já estive no mar antes”. Un Sello postal que envía la carta a su destino, de no llegar nunca. El fósil que encierra en sí mismo el mensaje de la naturaleza, en palabras claras, para todo aquel que esté atento. La serialidad es el punto clave de la obra. Un mensaje mil veces enviado, y que hoy, ya todos leímos con emergencia y sorpresa.

Es necesario hablar de “Deitada”, de Efe Godoy.

Todo aquello que debemos atender en esta cuarentena, se encuentra allí.

Godoy no da respiro al observador, no permite maquillaje, ni escenografía, ni bambalinas. Su reflexión es quirúrgica, precisa. No nos dejemos engañar con el supuesto descuido y pobreza de elementos, Deitada es una obra que ya tiene su espacio en la historia.

En una estética similar, Benedito Ferreira hace uso del cuaderno de artista, del diario y las cartas escritas a puño y letra, en un grafismo hermoso y descontrolado, donde la palabra es línea, mancha, gesto y poesía. Shakespeare decía que el humano solo tiene dos temas de conversación, el amor y la muerte. “Perdí meu amor en Britânia”, nos habla de ambos: del amor y del luto.

Ferreria nos incita a la curiosidad del voyeur. Conformamos el trío en una historia de amor perdida. Confirmamos datos análogos, huellas de lágrimas, heridas literarias punzo penetrantes, y ese espejo, que siempre nos refleja.

Y volvemos al corazón, a la sístole y diástole que alberga simbólicamente todo sentimiento. Se trata de un novísimo y aparentemente frío corazón cuadrado. Eduardo Zmievski no hace concesiones con la música, no permite azúcar, ni valium, ni placebos. Solo retumba ante nuestros ojos, acompasado con el nuestro, el mismo latido. La misma inusitada sensación de inexistencia humana frente al desequilibrado avance de la tecnología.

Es un desangrado son, corazón, son son corazón.

Y viene el rojo que todo lo inunda, y nunca se queda en nosotros.

La obra de Estêvão Parreiras, salpica todo cuanto somos de ese carmesí encendido. Como en el perro hundido de Goya, hace uso del espacio, para cargar de contenido solo el lugar inferior del papel. Crea una gran tensión visual, entre el silencio del rojo, la figura momificada y dibujada con arañazos, y los seis elementos flotantes, que parecen horas, minutos, segundos, dientes u ovejas contadas para dormir.

Una metáfora de los días de cuarentena y el tiempo suspendido.

Y de esos días casi iguales, comunes a todos, surge la reflexión del espacio encerrado, del adentro agobio y seguridad, y el afuera amenaza y anhelo.

Iris Helena nos señala la esquina fantasmal, que no sabemos si sigue allí, o es un lugar producto de la imaginación. El negocio

cerrado, sin transeúntes, como describe el escritor Venezolano Miguel Otero Silva, en su novela «Casas Muertas».

Y nos preguntamos a partir de la obra Esquina: ¿puede una ciudad, seguir siento ciudad, sin moradores?

La obra de Iris Helena, no es un paisaje, es un amuleto para volver a habitar.

En la misma angustiada reflexión se introduce en la muestra dos paisajes desolados. De nuevo, es inexistente el crepitar de lo humano.

Se trata de dos pinturas de la serie “minutos antes do fim” de Henrique Detomi. Ya el título, encierra en sí mismo el concepto de ambas obras

Otro paisaje no menos perturbador, es el video “Qualquer direção” fora do centro, de Rafael Salim. Al principio el recorrido nos calma. Recordamos el olor húmedo de la selva tropical lluviosa. Pero ese desenterrar con las manos, nos sacude siniestramente, y desacelera todo impulso romántico de volver a lo natural, como respuesta a la poca certeza de la ciudad.

Análogamente, Marú nos brinda un aforismo. “Arquitectura nao faz outra coisa, senao criar fantasmas”. De nuevo la evocación a la muerte.

Nos encontramos con un proyecto de edificación funeraria. Y recordamos a Loos, que señalaba que la única edificación que pertenece a la categoría de arte, es el monumento y la tumba. La casa-al igual que el resto de la arquitectura- no debía ser considerada arte, porque tiene la impronta de lo utilitario.

Marú nos muestra un proyecto de la arquitectura que solo sirve para simbolizar, versus la casa que sirve como máquina para habitar.

Hoy, en cuarentena, cuando el mundo se suspende, quizás la casa se convierte también en un mausoleo.

La Máscara

En 1319, Haiku de Anatolia, señalaba que “La luna vive nuestro reflejo”- Si bien el poeta sufí, nunca imaginó la resonancia de sus palabras en este presente tan lejano, ese breve poema es hoy más puntual y fehaciente, que nunca.

Nos encontramos en una realidad donde casi la totalidad del humano vive inmerso en un continente de espejos. La comunidad tangible, de cuerpos confluyendo en el lienzo urbano, ya no es; se ha desvanecido en las redes sociales, en las noticias falsas o verdaderas, que ya no sabemos si son falsas o verdaderas. Y en el devenir del compromiso epiléptico: nada tan frágil como el amor de hoy, nada tan inconsistente como el aparente discurso del éxito y la alegría proyectada.

De esto, nos hablan 8 de los artistas participantes de esta edición del Salón Mabri.

“Pose (Fera Nenen)” de Emilliano Freitas, nos conmueve hasta el dolor. Un dibujo hecho en una hoja de cuaderno escolar; y los parques solitarios, y las pelotas sin uso.

Ni risas, ni rayuela.

Un poco más adelante, acudimos al jocoso aparato presentado por Ismael Monticceli, “Still keep smiling”, (Horizonte de expectativa invisível). Impecable ejecución de la felicidad forzada, de la autoayuda, de los métodos conductuales de atracción del éxito y la positividad estreñida.

“Making Off”, de Leandra Espírito Santo, logra impregnarnos de la histeria colectiva por encajar en los estereotipos de belleza, impuestos por las redes. Es un puñetazo al ego.

Y el rostro es lo de menos. En la pornografía nunca es necesario el rostro humano, al contrario, es contraproducente al ejercicio de cosificar. En esta sociedad colonizada por el porno, Geoneide Brandao, nos muestra un reloj de arena que da lo mismo en cual dirección cae el polvillo. Lo continuo es ese refregar de dos cuerpos, justo antes de que suceda. Somos nosotros los que completamos el acto. El movimiento aún no ocurre. Es el lugar de anhelo.

A estas alturas de la lectura, nos preguntamos, ¿será que todos los participantes se pusieron de acuerdo para mostrar una misma preocupación desde distintas aristas?.

Los creadores son los que llevan el pulso de los tiempos, aquí se confirma.

Para muestra, otro botón. Esta vez de la mano de la artista Beth Sousa. Se trata de una fotografía intervenída, “Assistindo à Live da Sobrevivente”. Una luz de Rembrandt acaricia a estas dos mujeres vestidas de fetiche. Una luz harto conocida por todos, la televisión. La obra es un retrato de la desolación causada por la mudanza de sí mismo.

Según Cassirer, El hombre no puede escapar de su propio logro, no le queda más remedio que adoptar las condiciones de su propia vida; ya no vive sólo en el universo físico sino en el universo simbólico donde el lenguaje, las ceremonias, el arte y la religión constituyen sus partes, forman los diversos hilos que tejen la red simbólica en la urdimbre complicada de la experiencia humana.

El humano es el único animal que simboliza.

Sallisa Rosa, vocífera, soy un animal. Y nada huye más de esa frontera antropológica, que este video. Construye la diferencia epistemológica entre nosotros y cualquier otro ser vivo sobre la tierra. ¿Y en qué radica esa diferencia? En la capacidad de simbolizar la realidad.

Keila Serruya Sankofa, asume esa condición y la abandera como la única manera de no enfermar. “O sistema imunológico é a cultura Doente eu não fico “

Se autorretrata sangre escarchada, y se hace diosa. Crea su propia vacuna, para defenderse de este fin de mundo.

Equivalente discurso es el de Mayara Ferrao, que nos dice: “ La espiritualidad es la tecnología que cura”.

Ferrao nos convoca a visitar con urgencia, lo verdaderamente humano, lo que nos hace eternos.

Ese eco que viene de tan lejos, - “La luna vive nuestro reflejo”- son antiguas y tercas palabras, que aún nos dicen, que la realidad, solo existe acoplada a nuestra imagen y semejanza.

El Poder

Según el filósofo polaco, Zygmunt Bauman, la modernidad en su forma más consolidada, requiere la abolición de interrogantes e incertidumbres. Necesita de un control sobre la naturaleza, de una jerarquía burocrática y de más reglas y regulaciones para hacer aparecer los aspectos caóticos de la vida humana como organizados y familiares.

Si asumimos leer a Bauman, desde estos tiempos apocalípticos, nos resulta un estudio oráculo.

Hoy la modernidad, con sus certezas y controles, se nos desvanece como agua entre los dedos. Modernidad líquida.

De ese tema un tanto escabroso, nos hablan desde sus obras 6 de los artistas participantes del salón.

Comenzamos nuestro recorrido con Erika Storer y su “Rom-Ofice”. Un video que por jocoso, no menos dramático. La referencia y la angustia por la productividad a costa de cualquier exiguo término de cansancio humano. El tratamiento de comediante y la disposición absurda de los elementos, hacen de esta obra un deleite de la reflexión, de súbito.

Igual de asombroso y profético es el video “Home Office”, de Renata Miranda. Realizado un tiempo antes de la terrible tragedia de Beirut, vaticina el acontecimiento explícitamente. El arte siempre es premonitorio.

Y las certezas de la modernidad se desasen a cada paso, ya sea desde la configuración de emblemáticas derruidas, como el caso de “Pinturas para peito” de Gabriela Mutti, o las telas de Marcel Diogo.

Mutti le quita sacralidad al uniforme militar, que produce respeto, miedo, y obediencia, y nos construye unas condecoraciones fantasiosas, de ese mundo herido de tantas desigualdades y controles.

Marcel Diogo, hace algo homologo, sus pinturas rompen el espacio emocional, para señalar sin ambages, el quiebre de los cuerpos represivos.

Y en esa misma tensión emocional, como un juego de espejos infinitos, Amador e Jr Seguranca, nos invitan a entender que el poder de la modernidad, reside en vigilar y castigar.

Por último, contamos con una hermosa escultura, o poema objeto, de Diogo Duda, “Something around eleven euros and thirty-nine cents”.

El país bananero, la moneda como fruto jugoso del capital y sus mecanismos de ansiedad y hambre.

El poder es una patología, nos diría Foucault.

Estas seis obras, nos invitan a notar esa premisa, pero desde la sanidad emocional. En la medida en que se produce la conciencia de la patología, en ese mismo instante, es que se comienza a sanar.

Morella Jurado



Créditos

Curadoria / Texto Crítico
Morella Jurado

Expografia
museu.io / Morella Jurado

Desenvolvimento da exposição online
museu.io

Ação educativa
Gilson Plano
Morella Jurado
Gleyce Kelly Heitor
Antonio Amador e Jandir Jr.
Raphael Fonseca

Comissão de seleção
Dayalis Gonzalez Perdomo
Raphael Fonseca
Rafael Abdala

Comissão de premiação
Morella Jurado
Wagner Barja
Equipe Sapf

Coordenação geral
Malu da Cunha

Coordenação executiva
Gilson Plano

Assessoria de Comunicação
Aline Borba - Seven Star

Design gráfico
Maurício Mota

Fotografia
Todas as fotografias das obras foram tiradas pelos próprios artistas, com exceção das listadas abaixo.
Beth Souza - **André Luiz S. Souza**
Guará - **Agesilau Neiva Almada**
Marú e Estêvão Parreiras - **Paulo Rezende**

Tradução
Alex Amaral



20

SALÃO
NACIONAL
DE PEQUENOS
FORMATOS
DE BRITÂNIA

REALIZAÇÃO:



PREFEITURA MUNICIPAL
DE BRITÂNIA

APRESENTAÇÃO:



Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento das Artes Visuais do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2018.